



Resinificando o Silêncio: Transformações na Atuação do Intérprete de Libras durante a Pandemia Resignifying Silence: Transformations in the Role of Sign Language Interpreters during the Pandemic

Samuel de Araújo Mateus

RESUMO

O artigo até aqui construído procura acima de tudo documentar a partir da marca da oralidade por meio das entrevistas as reconhecendo como parte integrante do processo resultante, a escrita, um conjunto de narrativas que apresentam aos leitores destes escritos as experiências vividas por profissionais imersos em um momento de caos, e um estado de calamidade na saúde do mundo inteiro. Em primeira instancia documentar todo o experienciado a partir dessas narrativas, mas não somente, e entende que gerando espaços de fala se pode construir melhor os caminhos para a atuação, exercício e suplementação da formação bem como atuação desse profissional in foco.

Palavras-chave: Pandemia. Intérprete de Libras. Isolamento Social. Reconfigurar.

Abstract

The article constructed so far seeks, above all, to document a set of narratives through oral accounts gathered from interviews, recognizing them as an integral part of the resulting process - writing. These narratives present to the readers the experiences lived by professionals immersed in a moment of chaos and a state of global health emergency. The primary objective is to document all that has been experienced through these narratives, but not only that; it is understood that by creating spaces for dialogue, one can better shape the paths for the professional's performance, exercise, and enhancement of their training in focus.

Keywords: Pandemic. Sign Language Interpreter. Social Isolation. Reconfigure.

INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19 causou no mundo uma série de novas preocupações, levantando discussões entre a validade do método científico, discussões políticas, a necessidade de se repensar a forma como nos relacionamos com o mundo e principalmente a discussão que norteará o texto aqui redigido, a necessidade de se construir uma nova forma de educar, devido a urgência e o distanciamento social, ferramenta que melhor se encontrou no período para evitar a disseminação do vírus, o ensino remoto foi o modelo adotado como método.

Aos primeiros indícios de que de fato haveria uma quebra no modelo presencial de ensino, todos os atuantes da educação se sentiram preocupados, dentre os anseios de suas preocupações estava o como, como seria uma sala de aula sem a presença física de alunos? Por meio de qual ferramenta essa relação aconteceria? Havia ainda aqueles que pouco se preocuparam com a pandemia, assim como ainda há, não deixemos de esquecer que as escolas e suas organizações são modelos reprodutores de uma lógica social, assim como a sociedade deflagrou conflitos na realidade sempre existentes, as escolas também.

Basta rememoras as escolas que nem se quer fecharam na pandemia, mesmo em seus níveis mais altos de mortalidade. Para além de todos os anseios acima referidos um em especial muito me chamou atenção, enquanto intérprete como seria a minha atuação nesse período, como a escola bem como seu corpo, os alunos a coordenação, os professores, compreenderiam a minha presença? Com quais ferramentas estaríamos lidando? O quanto não se estaria afastando dos alunos surdos a possibilidade de inclusão mínima?

Como pode se ver, e intencionalmente se encontram nas linhas acima muitas questões, muitas interrogações, dúvidas de um profissional intérprete no início de todo esse processo que ainda não teve seu fim decretado, embora os quadros de mortes e internações tenham diminuído. Há um distanciamento necessário para a validação do método que a ciência se encarrega de exercer, acredita-se que ainda nos encontramos em uma pandemia, que as ferramentas que auxiliam o processo educacional muitas ainda se encontram em construção.

Os relatos e discussões aqui desenvolvidos visam a colaboração de possíveis teias epistêmicas, discussões teóricas – metodológicas e principalmente descrever todo esse processo de reconfiguração da atuação de um profissional que se constrói circunscrito nesse momento tão marcante a toda a população mundial que é pandemia de COVID-19.

19 de março de 2020

Nessa data se iniciava o primeiro isolamento social não parcial em Fortaleza bem como em todo o estado Ceará. Na primeira seção que aqui será decorrida faremos frente dialogal com os impactos causados na atuação de todo o corpo escolar, em conjunto foi colhido por meio de entrevistas os relatos das partes integrantes do corpo estrutural de ensino de diversas escolas, dentre essas envolvendo a capital assim com os interiores.

Foram ouvidos, três alunos, uma de Fortaleza, dois (com surdez) de duas localidades da região do maciço de Baturité. Dois professores, ambos de uma mesma escola da região do maciço. Uma coordenadora, e dois diretores. As entrevistas realizadas por meio virtual duraram em média 30 minutos. As seguintes questões puderam ser percebidas inicialmente pelos alunos:

O medo de não conseguir passar no vestibular, foi o mais citado no decorrer das entrevistas. Em um momento a aluna do terceiro ano do ensino médio de uma escola da capital relatou a dificuldade de concentração na sala de aula e a falta de suporte quanto as dificuldades apresentadas ao tentar compreender o conteúdo, no quanto todo esse prejuízo poderia resultar em uma não aprovação na seleção para o curso superior.

O mesmo não ocorreu com os demais, devido a sua estadia ainda no início do ensino médio. Muito embora, os anseios de não passar no vestibular não estivessem presentes em suas preocupações. Por se tratar de dois alunos surdos, aqui referidos por Ana Clara e João, nomes meramente ilustrativos.

João ressaltou em vários momentos a dificuldade de acesso a rede e que em boa parte do primeiro bimestre quase não conseguiu assistir aula, a dificuldade de acesso se dava pelo fato de residir ele em uma localidade muito distante do centro urbano da cidade onde reside. João, surdo que embora esteja no ensino médio já tem uma idade avançada e compreende bem a língua de sinais.

Ana Clara, que se difere de João por ter sido alfabetizada ainda na infância, domina sua língua e relatou dificuldades, no sentido de não sentir que os conteúdos fossem adaptados a ela, dificuldade essa que partiria não de si, mas do ambiente, constituinte da sala de aula. Esse que agora será retratado.

O ambiente outro, entendendo todos os elementos constitutivos do espaço de sala como ambientes, dotados de espaços existenciais é aquele que constrói o processo de ensino, o professor.

Dois professores foram ouvidos, uma mulher Júlia, com seus 52 anos, cabelos cor de mel, 20 anos de educação, mestra em literatura e professora de português. O outro, Luiz, 28 anos, 14 anos de educação, 10 em uma mesma escola, professor de química, altura mediana, cabelos castanhos, olhos castanhos, e semblante impaciente ao falar.

As dificuldades relatadas por Júlia em algum aspecto traduzem uma realidade outra ao gênero, para além das dificuldades do trabalho, de lidar com as novas plataformas antes jamais experimentadas, a dificuldade de gerir um lar, o que para ela fora ainda mais complexo dentro do processo de home office.

Luiz, por sua vez, relata que os problemas enfrentados se deram muito pela falta de acompanhamento do estado, na capacitação para a utilização das novas plataformas, a distância estabelecida pela tela entre a didática e os alunos, e o acesso a internet.

Muito se ganhou com a pandemia e o isolamento social, o novo pode ser contemplado por aqueles que hoje o compõe, novos horizontes de possibilidades para o ensino, para a educação, mas muito se perdeu, no que diz respeito a evasão escolar, ingresso em universidades publicas por alunos de rede pública e principalmente a condição ao qual esse aluno se encontra para alçar voos mais retilíneos na condução de sua vida pós ensino médio.

ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA PANDEMIA: José, 34 ANOS

2

A primeira narrativa colhida, por um intérprete de libras, revela a partir da entrevista uma adaptação ligeira do entrevistado quanto a atuação pelas plataformas. Esse com seus, 34 anos, nome de José, homem de média estatura, atua na área a pelo menos 12 anos e hoje se encontra empregado em duas modalidades de atuação. Em ambas a adaptação segundo o entrevistado foi de forma fácil.

Devido a atuação se dá na tradução de conteúdos para uma plataforma online, o modelo de atuação por essas plataformas não era de desconhecimento dos agentes ali dispostos, logo a facilidade em lidar com elas já rotineira do exercício do ofício.

Entretanto no decorrer da entrevista, demais questões acerca de outros profissionais da área foram apresentadas, o entrevistado afirma ter colegas de trabalho que perderam seus postos de trabalho principalmente em universidade por ser tomada a iniciativa pela gestão de se condensar as turmas, as unindo, e em salas onde

havia duas pessoas surdas, forma compostas por 5 a 6 pessoas surdas, retirando a necessidade de demais profissionais. Assim, muitos postos de trabalho foram perdidos.

Muita embora postos tenham sido perdidos, novos postos bem como atuações em campos antes pouco explorados ascenderam na pandemia. A entrevista segue no caminho de compreender a necessidade que se criou de inclusão quando ascendeu em momentos críticos da pandemia as lives musicais.

Um novo horizonte de atuação antes pouco explorado. Postos de emprego, de atuação foram perdidos, bem como novos foram criados, é citado na entrevista criação de empresas de atuação de tils, editais como a lei Aldir Blanc de fomento a cultura, as já citadas lives, e a possibilidade de atuação a distância, mesmo em faculdades de outros estados, em cursos de outros estados.

Formações que antes não eram possíveis devido à distância, mas que devido ao formato implementado pela pandemia forma possibilitadas. Intérpretes de Fortaleza, se capacitando em cursos de formação em Santa Catarina por exemplo. Se fala da expansão na atuação, mas principalmente na formação se tem também em decorrência da pandemia um novo panorama, as lives realizadas com a presença de intérpretes também ocasionaram a possibilidade de lives formativas a esses profissionais bem como as demais áreas.

A entrevista com o José, nome fictício escolhido pelo entrevistado se encerra e o novo entrevistado entra em cena.

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA PANDEMIA: Leticia, 24 ANOS

A segunda entrevistada, Leticia atua na área da interpretação desde 2016, é bacharel em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mulher negra, alta dos olhos castanhos e cabelos igualmente castanhos. Começa seu relato ressaltando um cenário ainda não apresentado pelos demais entrevistados.

Para alguns profissionais da área a pandemia foi de fato cruel, perdas de postos de trabalho, perda de familiares, e até perda de alguns profissionais mesmo pelo vírus da covid-19. Já para Leticia, a partir de seus relatos a pandemia foi o momento em que melhor conseguiu fazer sua empresa funcionar.

Os trabalhos de tradução foram os que mais se apresentaram a ela e sua empresa, ainda nesse tópico trataremos brevemente sobre as lacunas existentes que discriminam a diferença em ambos os processos, tradução e interpretação. O crescente aumento de lives, e a busca pelas pessoas dentro de janelinhas em cantos inferiores de lives aumentaram e sua empresa se viu na necessidade de expansão. Tanto na profissionalização, desde a criação de uma logo ao registro em estado como microempreendedor, abertura de conta CNPJ e demais tramites que atestam a legalidade de uma MEI (Cadastro de microempreendedor individual) Muito embora se tenha obtido lucros, expandido contratado mais pessoal, atuado de formas antes não experienciadas, dificuldades também foram relatadas. As principais delas, no sentido de edição de conteúdo, do compreender a tradução, que aqui bem será discorrido, e no diálogo com o contratante.

O caráter ambíguo da pandemia em base os relatos aqui mencionados podem ser traduzidos quando se compreende que muitos perderam espaços de atuação e outros couberam em novos espaços antes não cabidos. Quanto a esses espaços foi em algum momento na entrevista mencionado um fato que muito me intrigou. O diálogo com o contratante, que por Leticia muitas vezes não se deu de maneira fácil.

A entrevista segue, e é perguntado se mesmo após a volta dos públicos com o avanço da vacinação os trabalhos e modelo EAD continuaram, Leticia prontamente responde que sim, mas que um cenário mais preciso só poderá ser reconhecido após a pandemia, para se compreender o que de fato veio para ficar e o que não.

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA PANDEMIA: Fernanda, 30 ANOS

3

A terceira entrevistada foi dentre os interlocutores uma das descrições mais densas e mais complexas obtidas. Por se tratar de uma atuação muito específica, tendo em vista o local de atuação, sendo uma universidade interiorizada com uma proposta não convencional, muitas preocupações foram apresentadas, dentre essas, preocupações estruturais da atuação, luz, computador, rede, e produções de conteúdo.

Assim como, preocupações da ordem do sentir e das relações socioafetivas desenvolvidas no trabalho. Fernanda de 30 anos, mulher negra, com cabelos negros, olhos castanhos escuros, média estatura, atua na área da tradução a mais de 10 anos. Hoje se encontra atuando em uma universidade no interior do Ceará a mais de 4 anos.

Mestra em antropologia, e especialista em docência de libras a interlocutora traduz em suas palavras

um sentir que antes não pudera ser percebido com relação as demais entrevistas, para ela o momento em sala de aula era o principal agente construtivo de relações que extrapolam o campo do exercício do ofício e adentram um campo socioafetivo-interacional. O fazer é viver e sentir, e o trabalho se torna o fazer circunscrito nesse campo semântico de sentir e viver.

Logo, a distância estabelecida pelo isolamento social em algum aspecto interrompeu esse processo, o que para a entrevistada se traduz em perda no trânsito do percurso pandêmico. Para que melhor seja entendido a descrição, o trabalho que é apresentado por Fernanda é realizado de forma que o sujeito surdo, ao qual é ofertado a ferramenta de inclusão e acessibilidade age em conjunto a ela, na compreensão dos textos, convenções de sinais, estudo de conceitos, momentos que se constroem fora da sala de aula e que devido ao isolamento social foram perdidos.

Fernanda relata ainda um novo contexto de atuação, narrativa que se assemelha a dos demais profissionais da área. Passou a atuar em alguns momentos em traduções de peças de teatro, festivais, saraus entre outras produções artísticas. As dificuldades estruturais para ela geraram não somente problemas técnicos no de correr do percurso ainda em vigência, ainda não saímos da pandemia de covid-19. Desde não se ter equipamento adequado, rede suficiente, lugar apropriado, até um período de adaptação que lhe custara um desgaste psicológico acarretando ansiedade.

Para Fernanda é indispensável para uma boa atuação, uma conexão que extrapole o envolvimento paradigmático do ofício, o que para ela, o trabalho em formato virtual não dá conta, a entrevistada relata não ter conseguido avançar nas conexões a ela necessárias para o exercício pleno de suas atribuições.

A ATUAÇÃO DO INTÉRPRETE NA PANDEMIA: Ágata, 22 ANOS

A entrevista com a quarta entrevistada é dividida em dois momentos. Cada relato apresentado até aqui é carregado de vivências em trânsito com um período que a cada ser traduz sentimento muito particulares, lucros, desenvolvimento, crescimento, profissional e pessoal e imerso nesses campos do sentir também se reconhecem as perdas, as dores, os sofrimentos.

É nesse sentido que se inicia o relato breve de nossa última entrevistada. Ágata, mulher negra, trançada, com seus 22 anos e cinco anos de atuação, mulher de alta estatura, perdeu os avós no ápice da pandemia, perdeu o emprego, e após o luto contraiu covid junto aos seus pais. O que para ela gerou uma série de outros problemas, veio a desenvolver ansiedade e tendo crises frequentes ainda no período.

O relato de Ágata foi até aqui sem dúvida um dos mais emocionantes. Quando falamos em exercício do ofício, muitas vezes não levamos em conta que o ser/indivíduo no âmbito de suas atribuições é construindo como ambiente por pessoas, momentos, vivências, percepções e que como corpo Bio-psíco-químico-afetivo-social, tudo que decorre de suas ações estabelecem estreita relação com o sentir.

O fazer, o exercício diário de seus deveres, é constituído e criado em trânsito com tudo aquilo que se inscreve nas realidades circunstâncias cotidianas, delas podem ser experienciadas e principalmente imerso em um momento de luto a toda a comunidade global, uma gama de emoções, sem tirar delas, a dor do luto e da perda.

REVISÃO DE LITERATURA

Haja vista, todos os relatos até aqui apresentados, chega o momento em que carece que nos centralizemos um pouco mais na figura por onde os relatos e as experiências são perpassadas fazendo desse agente a centralidade dessa revisão, o Intérprete de Libras. Assim como os entrevistados o redator desse escrito faz parte também dessa gama de profissionais atuantes na capital e não somente nela, mas também nas demais regiões do estado.

4

Os primeiros registros de atuação desse profissional datam de 1980, se sabe o quanto o meio religioso foi fundamental para a formação empírica e o exercício do ofício da interpretação, esses canais eram os principais exportadores das agências responsáveis em parte por um elemento de acessibilização, o canal de movimento entre uma língua fonte e uma língua alvo.

Mesmo se datando a atuação desde os anos iniciais de 1980, apenas em 2002 foi dado um passo embrionário para a formatação de uma pauta inclusiva que ainda hoje caminha a passos curtos. Se reconhece que a lei que resulta da luta da comunidade surda por reconhecimento e inclusão foi fundamental, a lei 10.436, não somente para essa comunidade, mas também para todo o conjunto que se encontra circunscrito em seu

seio, e uma agência desse conjunto é o TILS. (Quadros,2004).

Dez anos após a lei de Libras, a lei que regulamenta a profissão e estabelece critérios legais para atuação entra em vigor, a lei 12.319, que reconhece o Intérprete de Libras como o agente que compete o exercício de atuação na tradução e interpretação de uma língua fonte para uma língua alvo. Segundo ainda a lei 12.319, para exercer o que compete o ofício da profissão, a formação do profissional deve necessariamente ocorrer por meio de:

- I -cursos de educação profissional reconhecidos pelo Sistema que os credenciou;
 - II -cursos de extensão universitária; e
 - III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por Secretarias de Educação Parágrafo único.
- A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III. (BRASIL, 2012).

METODOLOGIA

De modo a relatar experiências e propor reflexões e contribuições acerca do trânsito em meio a uma pandemia e a influência dela sob a atuação de um ofício específico, foi optado a metodologia de cunho qualitativo. Para alguns autores dentre eles Yin (2006), pesquisas que exploram um caráter qualitativo tendem a oferecer maior profundidade no que diz respeito a análise e reflexão de dados.

Tendo em vista que o discorrido até aqui se tratar de um conjunto de relatos de experiência, o teor subjetivo e o caráter particular dos relatos corroboraram com o método escolhido. O instrumento primordial de coleta de dados foi a entrevista, com o apoio do gravador de voz, e do caderno de campo. Todos os entrevistados concordaram em ter sua voz gravada e ter nomes fictícios escolhidos pelos mesmo para serem referidos no trabalho.

Em concordância com Duarte (2004) se reconhece que a entrevista não é um recurso exclusivo das abordagens qualitativas, todo o caráter qualitativo é desenvolvido no decorrer do percurso teórico-metodológico do trabalho, entretanto, tendo em vista o sumo que se pretende extrair dos agentes da composição da obra, a entrevista se encaixa dentro do campo de possibilidades dessa extração.

Vejam, há elementos não verbais que somente o caráter dialogal pode exprimir de uma relação, embora seja essa muito objetiva como o caso da que aqui foi desenvolvida. São esses elementos não verbais que constroem muitas vezes o sentido do que pode ser refletido, expressões não verbais, como franzido de testa, inquietação, tristeza expressa pelas expressões faciais.

Quando se procura construir relatos de sentir, esses elementos são indispensáveis, e podem ser somente captados a partir de um contato dialogal, por meio da ferramenta aqui escolhida. A entrevista. Para suplementar aquilo aqui explanado trazemos Minayo (2010) que entende o método qualitativo como o que se preocupa com o compreender da história, das crenças bem como das percepções. Sendo essas as que melhor dialogam com a proposta aqui explanada. O captar sentido das percepções apresentadas pelos entrevistados.

Para Matos e Batista (2017) a utilização da entrevista como ferramenta de contato e obtenção de dados busca exprimir desses os sentidos da subjetividade particular de cada entrevistado colaborando com a construção do processo narrativo descritivo bem como com as reflexões que poderão vir a ser impressas no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5

Conclui-se que a partir da marca da oralidade por meio das entrevistas as reconhecendo como parte integrante do processo resultante, a escrita, um conjunto de narrativas que apresentam aos leitores destes escritos as experiências vividas por profissionais imersos em um momento de caos, e um estado de calamidade na saúde do mundo inteiro.

Em primeira instância documentar todo o experienciado a partir dessas narrativas, mas não somente, e entende que gerando espaços de fala se pode construir melhor os caminhos para a atuação, exercício e suplementação da formação bem como atuação desse profissional in foco.

As demais contribuições são no sentido de fomentar em um espaços epistêmico, de produção de conhecimento, aquilo que para o Ubuntu, se reconhece enquanto gnose, as marcas do saber que extrapolam o

campo técnico da episteme mas que podem e devem colaborar com o mesmo espaço, tornando o espaço de produção teórico-metodológico largo e espaçado, com contribuições que o fomentem mesmo não sendo oriundas dele, rompendo o retroalimentação, processo que desencadeia o distanciamento do saber produzido no cotidiano das academias, é quando se busca na marca da oralidade por meio das entrevistas construir esse processo (MUDINBE, 2013)

Relatar, refletir, produzir espaços de fala com fins de fomento, contribuição e documentar, é com base nos conceitos referidos que se estruturam essa produção. Por vezes as agências de tradução e interpretação, mas não somente, demais outros profissionais passaram despercebidos desse processo de trânsito pandêmico, o objetivo do trabalho aqui desenvolvido é em mínima escala, pôr em evidência esses espaços, essas agências de atuação, bem como relatas seus sentidos experienciados no momento de movimento, suas alegrias, dores, atuação, transformações, capacidade de se adaptar, dificuldades, aprendizados.

Reconhecendo em primeira análise, seus ofícios, atuação função social de produção objetiva, e a partir do método qualitativo, todos os seus sentidos, suas vivências, os relatos de suas experiências.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Eraldo Carlos. MATOS, Luís Alberto Lourenço. NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980- 7031 Acesso em: 05 abril 2022
- BRASIL, Lei 12.319, 1 de setembro de 2010, **Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais**, Brasília, df. Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10>>. Acesso em: 06 de março. 2022
- DUARTE, R. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Acesso em: 02 mar. 2022.
- MINAYO, M. C. S. **Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação**. In: _____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 260- 298. Acesso em: 10 março 2022
- MUDIMBE, Y.t. **A Invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Faculdade de ciências sociais agostinho neto, [s. l.], 1 jan. 2013. Acesso em: 17 março 2022
- QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEESP, 2004. Acesso em: 10 abril 2022
- Yin, R.K. (2015) **Estudo de caso**. Planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 5ed. Porto Alegre (RS): Bookman. 290 p. Acesso em: 10 abril 2022
- Yin, R.K. (2016) **Pesquisa Qualitativa do início ao fim** [recurso eletrônico]; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva - Porto Alegre: Penso. Acesso em: 8 março 2022